



01. RELATÓRIO VISITA DE ESTUDO

Visita de Estudo a Lisboa, Zona Monumental de Belém e Museus [Coches e CCB]

Unidade Curricular: ARQ2502 - Projecto I

Docentes: Doutora Sofia Aleixo, Prof. Auxiliar (Coordenadora) – Turma A, Doutora Joana Vilhena, Prof. Auxiliar Convidada – Turma B

Relatora: Sofia Aleixo

Objectivo: enriquecimento cultural, novos edifícios de cultura, espaços públicos

Data: 9 outubro 2018

I. Introdução, Objectivos e Programa

A Visita de Estudo integra-se nos conteúdos programáticos da Unidade Curricular de Projecto I. Procura-se proporcionar aos alunos a experiência sensorial que decorre da utilização livre (MAAT a à zona monumental de Belém) a edifícios paradigmáticos na arquitectura em Portugal, e da visita orientada (Museu dos Coches). DA parte da tarde, Visita Livre à Exposição temporária patente no CCB/Garagem Sul, cujo carácter didático é adequado a este nível de ensino e muito oportuno no contexto de um primeiro contacto com a arquitectura, versando os aspectos “invisíveis” da arquitectura.

Cultiva-se o conhecimento prévio dos locais a visitar em contexto de sala de aula. Motiva-se para o desenho reflexivo, para a captação de momentos arquitectónicos relacionados com os temas do Programa.

A deslocação a Lisboa implica a organização da viagem e o desenvolvimento de competências no que respeita à coordenação de equipas.

.

II. Organização

A Coordenadora da Uc estabeleceu contacto com CCB/Garagem Sul pedindo visita à exposição numa 3ª ou 5ª feira (dias de aulas de Projecto I), enquanto a exposição Building Stories está patente. Tendo recebido resposta positiva para dia 9 de Outubro à tarde, solicitou-se visita da parte da manhã ao Museu dos Coches, incluindo Visita Orientada para alunos de arquitectura/arquitectos que inclui acesso a espaços interditos aos visitantes. Pedida informação, a mesma foi recepcionada e disponibilizada via Moodle aos alunos.

As delegadas de ambas as turmas ficaram incumbidas de efectuar a lista de alunos, confirmar junto do aluno Álvaro Dias o aluguer do autocarro de 50 lugares, recolher o dinheiro do aluguer e de entregar lista de participantes no Secretariado para accionamento do seguro escolar.

Foram disponibilizados os lugares não ocupados, a colegas do MIA que assim preencheram o autocarro e partilharam a despesa da deslocação.

Uma sondagem aos alunos deu a conhecer que 3/4 nunca entrou no Museu dos Coches e mais de 1/2 não conhece o CCB.



13:00 Almoço livre no MAAT

14:30 CCB / Garagem Sul: início da Visita Orientada à exposição Bulding Stories [Grupo 1]/desenho livre

15:30 CCB / Garagem Sul: início da Visita Orientada à exposição Bulding Stories [Grupo 2]/desenho livre



17:00 Reflexões sobre a visita e lembradas as indicações sobre Relatório a submeter no Moodle e a entregar impresso em sala de aula (Prazo: 1 semana)

18:00 Fim de Visita e partida de Lisboa

Chegada às 21:00 a Évora (confirmação com coordenadora).

III. Despesa

Sem qualquer comparticipação da EA ou do Darq, a despesa comportada pelos alunos foi a seguinte:

- Autocarro: €8,00
- Visita orientada no Museu dos Coches: gratuita (entrega de declaração do DARq)
- Visita orientada no CCB/Garagem Sul: €2,50/aluno

IV. Registos e Relatório

Os registos gráficos e escritos foram efectuados no Caderno de Projecto I, sendo ilustrados no Relatório a entregar impresso em sala de aula e a submeter no Moodle.

Prazo: 1 semana.

Entrega de dossier de grupo, com apresentação oral: 18 de Outubro



V. Conclusão

A Zona Monumental de Belém oferece uma variedade arquitectónica notável, de que só foi possível usufruir de três momentos: o Plano da Exposição de 1940, o Museu dos Coches e o CCB. Neste último, uma visita orientada na Garagem Sul à exposição “Bulding Stories” - materiais e métodos utilizados na construção pelos ateliers de Vylder Vinck Taillieu, Maio e Ricardo Bak Gordon -, permitiu igualmente a apreensão de outros conteúdos, nomeadamente relacionados com a organização espacial de uma exposição e com o tema da mesma.

Após a visita, em contexto de sala de aula, ir-se-á desenvolver os temas abordados com os alunos que apresentação relatório individual e dossier de grupo, com apresentação oral. Serão dadas sugestões de sites a consultar e de bibliografia sobre os autores visitados.

VI. Referências

Anexos: Programa (Moodle), credencial, lista de alunos com seguro escolar e documentação de apoio (Moodle).

Desenhos de Amadeu Guadalupe Meniconi | I41618 ; Bernardo Teixeira Meneses | 43056; Cláudia Batista | 43062

Évora, 08 de Novembro de 2018

As Docentes,

Sofia Aleixo, Professora Auxiliar

Joana Vilhena, Professora Auxiliar Convidada

Projeto I-B_REST_ARQ

[Home](#) / [My courses](#) / [ARQ2502](#) / [exercícios complementares: recensões e relatórios](#) / [01 Visita de Estudo: Belém, Lisboa - 9 Outubro](#)

01 Visita de Estudo: Belém, Lisboa - 9 Outubro

Museu Nacional dos Coches

10h visita ao edifício (entrada gratuita)

O interesse da visita prende-se com uma intervenção de grande escala num espaço histórico da cidade de Lisboa, por um arquitecto brasileiro contemporâneo de referência: Paulo Mendes da Rocha. "O novo Museu dos Coches surge em Belém como um equipamento cultural mas também como um lugar público. Nas palavras do arquiteto Paulo Mendes da Rocha "o museu não tem porta e relaciona-se para todos os lados". Mais que um museu, o projeto funciona como uma infraestrutura urbana, que oferece 'espaço público' à cidade.

Convergem assim duas preocupações, por um lado a necessidade imperativa de aumentar a área expositiva do museu assim como a sua infraestrutura técnica de apoio, mas também a indispensabilidade de criar novas valências para o público daquele que é o museu mais visitado do país. Por outro lado, contou a necessidade de realizar o remate daquela que é uma das mais importantes frentes urbanas de Lisboa, a zona monumental de Belém, tendo a construção do novo edifício incentivado uma nova dinâmica do território envolvente ao museu, criando novos espaços públicos e percursos na cidade que evocam anteriores vivências.

O novo edifício do Museu dos Coches é constituído por um pavilhão principal com uma nave suspensa e um anexo, com uma ligação aérea, que assegura a circulação entre os dois edifícios. A disposição espacial destes corpos cria uma espécie de pórtico que aponta para uma praça interna, para onde também se viram as construções antigas da Rua da Junqueira.

O novo Museu inclui espaços para exposição permanente e temporária, áreas de reservas e uma oficina de conservação e restauro que contribuirá para o desenvolvimento da conservação e restauro deste tipo de património.

Foram concebidos novos espaços destinados, à Biblioteca, ao Arquivo assim como um Auditório que potencia a realização de um conjunto de atividades culturais que vêm engrandecer a programação pública do museu.

Para acolhimento dos visitantes foram programados espaços de restauração, uma Loja do Museu e um Posto de Informação Turística.

Finalmente devem ser mencionadas as áreas envolventes do novo edifício, designadamente a Praça do Museu uma zona de acesso livre e que se constitui também, como um lugar de passeio e lazer público."

<http://museudoscoches.gov.pt/museu/#edificios2>



CCB, Garagem Sul: Exposição "Building Stories. Histórias Construídas"

de vyllder vinck taillieu, Maio e Ricardo Bak Gordon

Curadoria: Rodrigo da Costa Lima e Amélia Brandão Costa

Confirmada visita orientada para dois grupos (30 alunos máx.) entre as 14h e as 17h

A duração da visita é aprox.1h. (entrada €2,50/aluno)

"*Histórias Construídas* debruça-se sobre aquilo que, na arquitectura, não é óbvio à primeira vista: é uma exposição sobre como a arquitetura é produzida e construída. Apesar de o processo de construção ser apenas um dos aspetos do edifício, é utilizado como *leitmotif* desta exposição, permitindo entender a arquitetura na sua complexa globalidade. *Histórias Construídas* oscila entre a escala territorial e a dimensão individual, acompanhando o imaginário do arquiteto. Projetos realizados, pontos de viragem ou simples anotações e desejos dos ateliers de arquitetura de vyllder vinck taillieu, Maio e Ricardo Bak Gordon são apresentados como expressões vivas de um universo mais amplo.

Deste modo, a exposição estabelece um diálogo entre arquitetos que – apesar de cada um ter as suas próprias ideias, métodos e expressão formal – partilham a arquitetura como território comum, onde tecem as suas abordagens singulares."



<https://www.ccb.pt/Default/pt/GaragemSul/Exposicoes/Exposicao?a=1254>

Visible groups All participants

Grading summary

Participants	67
Submitted	0
Needs grading	0
Due date	Tuesday, 16 October 2018, 12:00 AM
Time remaining	14 days 6 hours

View all submissions Grade

[01 Recensão \(Outubro\): a memória e os lugares da imaginação](#)

Jump to...

[01 Visita de Estudo: Exposição "Building Stories" | CCB, Lisboa \(hidden\)](#)

 Moodle Docs for this page

You are logged in as Sofia Aleixo (Log out)
ARQ2502

Alunos em visita de estudo

Nome	Aluno n.º	e-mail	Curso	Cidade/País	Entidade	Período do Estágio
Amadeu Emeniconi	41618	amadmeni@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Cláudia Sofia Guerreiro Batista	43062	claudialette@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Maria João Calheiros Lima Barreto	42995	mjbarreto98@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Adrian Burzacovcschi	42503	adrianbbb1999@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Carolina Alexandra Neves Proença	43271	carolina.mlt@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Manuel Maria Martim Colaça Charraz	42028	manuel_charraz@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Telmo Alexandre Pedro	43642	telmopedro14102000@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Maria Carolina Nepanucero Nunes R	43517	mariacarolinagato2000@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Sofia da Silva Franco	43551	sofiadsfranco00@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Maria Rita Barradas Marvanejo	43607	mariarita_bm99@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Joana Filipa Vidigal Abrantes	43665	joana.vidigal.abrantes@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Margarida Isabel Calado Romão	43523	margaridaisabelromao@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Tânia Isabel Ramitos	43663	taniairamitos@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Jusseline Damiro	42152	judamiro@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Keila Santos	41376	kesojia@hotmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Mariana da Costa Martins	42752	mvy.martins@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Luís Alberto Abreu Rodrigues	43227	luis.abreu16@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Alvaro Jesus Gonçalves	43261	alvaro.goncalves.16@hotmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Perla Zurisadaí Hernández García	42787	zuri31097@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Paulo Ricardo Gomes	43030	paulogomes141999@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Lucinde Vunge Pompeu	43159	lcindapompeu@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Cláudia Cristina Simões Chagas	42641	claudiachagas@sapo.pt	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Ana Carolina Cristina Ameixa	43172	ameixaana2000@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Isabel Tavares Cordeiro	42946	isabelcordeiro@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Francisco Pereira Bastos Dias	43249	franciscodias00@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Bernardo Teixeira Meneses	43056	Mmerfmania@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Gokhan Insel	42109	gokhaninsell@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
José António Mora Castro	42251	josea_morac@hotmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Mariana Pinheiro	42118	pinheirom419@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
João Miguel Mendes Laranja	42999	laranjoao@outlook.pt	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Vicente Rodrigues Correia	43211	vicenteirodrigues@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Mariana Marques Silva	43178	mariana.m.silva1999@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Beatriz Santos Mendes	43022	biasantosmendes@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Catarina D'Almeida Ramalho	43633	catarinaramalho18@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Joamisony Pedro	42121	simãozpedro@outlook.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Heitor Felipe Carvalho de Lima	42007	heitorcarvalho1510@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
João Pedro Vrela Pereira Conceição	43544	joavpconceicao@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Ana Margarida Belga Aires	42998	anaaires.7b@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Gabriela Marx Oliveira	42803	gabrielamarxo@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
António Luís Godinho Alves	42083	aantonio.luis.alves@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Helvia Santos	14839	Handrade209@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018
Rodrigo Manue Carrapiço da Mata	42579	rodrigomata@gmail.com	Mestrado Integrado Arquitectura	Lisboa		9 de Outubro de 2018

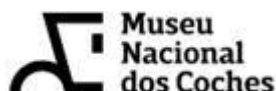


UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA | ANO LECTIVO 2018.2019

CREDENCIAL . VISITA DE ESTUDO
Uc PROJECTO I (arq2502)

Para os devidos efeitos se informa que a Prof. Aux. Doutora Sofia Aleixo e a Prof. Doutora Joana Vilhena, Docentes da Universidade de Évora – Escola das Artes, acompanham cerca de 50 alunos do primeiro ano do Mestrado Integrado em Arquitectura – semestre ímpar, na visita de estudo ao Museu Nacional dos Coches, em Belém - Lisboa, no dia 9 de Outubro de 2018.



De acordo com agendamento prévio, e confirmação do Museu através da Dr^a Graça Santa-Bárbara, a visita será acompanhada e incluirá áreas de acesso condicionado no novo edifício da autoria de Paulo Mendes da Rocha, o que desde já agradecemos.

O interesse pedagógico e científico da visita prende-se com o edifício e o seu autor na resposta a um programa museológico de grande escala.

Agradecendo a disponibilidade,

Atentamente,

Sofia Aleixo, Professora Auxiliar
Coordenadora de Projecto I (1º ano) do Mestrado Integrado em Arquitectura

O novo Museu Nacional dos Coches

As novas instalações do Museu Nacional dos Coches são constituídas por um conjunto de dois edifícios, uma praça e uma passagem pedonal que faz a ligação entre o Museu, ruas e praças circundantes e a margem ribeirinha do Tejo.

O edifício das exposições (o pavilhão) fica virado ao rio, e a norte o anexo, com o bloco do auditório ao qual se sobrepõem as zonas administrativas, a biblioteca e um restaurante com vista para a zona monumental de Belém.

O conjunto é percecionado e sentido como um novo espaço público com múltiplos interesses que complementam a visita ao museu, como lojas, cafetaria, esplanadas na própria praça, como na ligação ao comércio existente nas ruas vizinhas e a passagem para a beira-rio e barcos do Tejo.

Os visitantes acedem às galerias de exposição por dois grandes elevadores (70 pessoas cada) que abrem as portas para uma área expositiva de 6.000 m² com duplo pé direito.

No piso 2, apenas a nave central é ocupada com a área do serviço educativo sendo, no entanto, possível ao visitante percorrer toda a exposição numa perspetiva aérea pelo passadiço instalado sobre as duas naves e que faz a ligação com o anexo.

Com esta dimensão é possível mostrar simultaneamente e pela primeira vez, cerca de 70 peças da coleção cobrindo um espaço cronológico do século XVI ao XX e uma muito maior diversidade de tipos de carros, sobretudo do século XIX. É possível também revê-los um a um, com espaço e luz apropriados e descobrir assim como apreciar os pormenores das pinturas oitocentistas nos painéis, e as magníficas esculturas em talha na frente e traseiras de cada um dos carros.

A configuração do espaço permite que a visita ao museu se possa fazer em três tempos diferentes: visita mais curta às joias da coleção, as viaturas de aparato do barroco setecentista; visita à coleção completa que se inicia com o coche de Filipe II datado do século XVI e termina com os veículos do século XIX já contemporâneos dos carros motorizados; visita que inclui a sala de exposições temporárias com programação específica.

O edifício do Picadeiro mantém-se como memória presente do museu criado pela rainha D. Amélia, em 1905, mostrando em exposição no Salão Nobre, quatro coches e quatro berlindas, os retratos da Casa de Bragança nas Galerias, e uma exposição no 1º piso, especialmente dedicada à arte equestre e memória do Picadeiro Real.

Informações práticas

Horário:

De terça-feira a domingo, das 10h00 às 18h00 (última entrada às 17h30).

Encerrado segunda-feira, 1 de Janeiro, domingo de Páscoa, 1 de Maio, 13 de Junho, 25 de Dezembro

Morada:

Novo edifício: Av. da Índia 136, 1300-300 Lisboa

Picadeiro Real: Praça Afonso de Albuquerque 1300-004 Lisboa

Informação de contacto:

T: 210732319

e-mail: comunica@mncoches.dgpc.pt

+ informações: www.museudoscoches.pt



Transportes:

Autocarro: 28, 714, 727, 729, 751

Eléctrico: 15

Comboio: Linha de Cascais (Estação de Belém)

Barco: Estação Fluvial de Belém

Estacionamento: Existe um parque privativo do museu para visitantes (10h 18h) e parkings próximo do museu

Preços:

Novo edifício do Museu Nacional dos Coches - 6 euros

Edifício do Museu Nacional dos Coches no antigo Picadeiro Real - 4 euros

Bilhete Coches (Edifício do Museu Nacional dos Coches no antigo Picadeiro Real e novo edifício do Museu Nacional dos Coches) - 8 euros

Terão um desconto de 50% no bilhete, visitantes com idade igual ou superior a 65 anos; visitantes com cartão jovem ou cartão de estudante e famílias numerosas (2 adultos + filhos). Manter-se-á, ainda, com 50% de desconto o Bilhete Família (a partir de 4 elementos com ascendência ou descendência em linha reta).

As entradas serão gratuitas para crianças até aos 12 anos, inclusive; visitantes em situação de desemprego residentes na União Europeia; professores e alunos de qualquer grau de ensino, quando comprovadamente em visita de estudo e mediante marcação prévia; visitantes com mobilidade reduzida e um acompanhante; jornalistas, investigadores e conservadores em exercício das suas funções, profissionais de atividade turística mediante apresentação de comprovativo de registo no RNAAT.

<http://www.jornalarquitectos.pt/a-arquitectura-ainda-pode-ser-publica/>

- N° 246
- Notícias J-A
- Anunciantes
- Ficha Técnica
- J-A Arquivo
- Loja
- Ordem dos Arquitectos

A ARQUITECTURA AINDA PODE SER PÚBLICA?

Museu dos Coches, Lisboa. Projecto de Paulo Mendes da Rocha

O projecto do novo Museu dos Coches foi lançado em 2008 para fazer coincidir a inauguração do edifício com as comemorações do Centenário da República em 2010. Este Inverno visitámos o estaleiro da obra, na zona ribeirinha de Belém. Praticamente pronto, o edifício continua vedado e o seu destino dado como incerto.

O novo Museu dos Coches em Lisboa ocupa um terreno entre a Rua da Junqueira e a Avenida da Índia, vizinho ao do museu actual. O projecto, de Paulo Mendes da Rocha, está quase pronto: um grande pavilhão de exposições levantado do chão; um edifício anexo para os serviços administrativos, auditório e restaurante; uma passagem pedonal em rampas que ligam a Rua da Junqueira à Gare Marítima de Belém sobre a via rápida e a linha do caminho-de-ferro. Do plano original, só faltou construir o silo de estacionamento no outro lado da linha. Segundo o arquitecto brasileiro, o projecto responde a “duas questões básicas e primordiais”: acolher uma museologia eficaz, centrada na ideia de preservação, numa ‘caixa’ neutra onde se guarda o ‘tesouro’ profusamente ornamentado da colecção dos coches. E, “criar novos desenhos que abriguem, amparem e expressem hábitos, símbolos urbanos do tempo em que vivemos”. Esses ‘desenhos’ são percursos e formas que inter-relacionam a utilização dos diferentes espaços da cidade com as várias funções do edifício, apelando também à recomposição da memória cultural e arquitectónica da zona. São opções como redesenhar a rua do Cais da Alfândega Velha, limite da antiga praia de Belém, ou lançar uma passagem pública ao lado das zonas de exposição, com vista sobre elas. Para criar dinâmicas de “intriga entre o que está fora e dentro”, intriga entre as funções do museu e quem passa no lugar, intriga entre as formas construídas e a própria cidade.

Um arranque polémico

Em 2008, o ministro da Economia Manuel Pinho liderou o processo do projecto do novo Museu dos Coches. As verbas desta operação resultaram de contrapartidas financeiras do novo Casino de Lisboa, na Expo. Foi motivo suficiente para suscitar desentendimentos entre tutelas, uma vez que o Ministério da Cultura não tinha sido consultado e a Câmara Municipal de Lisboa entendia ser mais oportuno fazer o investimento noutros museus. Vários institutos públicos manifestaram-se contra a demolição das Oficinas Gerais de Material do Exército, alegando efeitos “devastadores e com graves consequências para os monumentos e museus adjacentes”, porque essa opção obrigava à reestruturação de colecções e instituições. A biblioteca do Instituto Português de Arqueologia estava nas antigas oficinas; o então Ministério da Cultura assegurou acomodá-la na Cordoaria Nacional, tutelada pelo Ministério da Defesa. O núcleo de Arqueologia Subaquática foi transferido para o Museu de Marinha; outras mudanças foram imprescindíveis. Entre petições ‘pró’ e ‘contra’, centenas de personalidades da cultura e arquitectura portuguesas manifestaram a sua posição. No centro desse debate não estava apenas o projecto mas, sobretudo, o estado de ruína financeira do sector dos museus. Apesar da polémica, vingou a decisão de construir o novo Museu dos Coches. O actual museu é o mais visitado de Portugal, com uma das maiores colecções do género no mundo, mas as actuais instalações não favorecem a sua exposição nem permitem o desenvolvimento do espaço.

O folhetim da encomenda

Como muitas vezes acontece, a encomenda deste projecto resolveu-se num jantar. Reza a lenda que o ministro Manuel Pinho encontrou ocasionalmente Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura. Contou-lhes que a dupla suíça Herzog & de Meuron tinha declinado o convite para fazer o projecto por o prazo previsto para a execução ser curto e que em alternativa estava a pensar convidar a arquitecta Zaha Hadid. O convite a Paulo Mendes da Rocha ficou a dever-se à persuasão dos arquitectos portugueses, que convenceram o ministro a optar pela adjudicação directa do projecto a alguém com afinidades culturais relevantes. O arquitecto brasileiro tomou em mãos o problema, visitou o local de intervenção, debateu o programa e esboçou o esquema de um projecto possível (na forma simples de uma ‘maqueta de papel’, como costuma fazer). Ideia aceite, o contrato foi assinado e constituiu-se uma equipa de

projecto, com os arquitectos paulistas MMBB, Ricardo Bak Gordon em Lisboa e o engenheiro Rui Furtado, para coordenar as especialidades através da Afaconsult, no Porto.

Um contrato por etapas

A gestão das verbas e do projecto ficou a cargo da Frente Tejo, sociedade responsável pela requalificação da zona ribeirinha de Lisboa, que negociou um contrato de projecto com limites orçamentais explícitos e organizado em duas fases. Uma primeira, que desenvolveu a ideia inicial ao ponto de estabelecer um valor rigoroso para o custo da obra. Esta fase foi maioritariamente desenvolvida em São Paulo, com o arquitecto e engenheiro portugueses envolvidos intensamente na discussão das soluções. O resultado foi um projecto bastante detalhado, no qual se chegou à conclusão de que o custo do edifício, com uma nave de exposições de 150 metros, estava ligeiramente acima da verba disponível (31,5 milhões de euros). Só após esta fase é que se contratualizou o projecto de execução, que foi desenvolvido em Lisboa e no Porto.

Paulo Mendes da Rocha continua a referir-se à nave de exposições como tendo 150 metros, apesar de ter sido reduzida para 132 metros para equilibrar o custo da obra. Também nessa fase de desenvolvimento, o silo de estacionamento foi 'chumbado' e retirado do projecto. A ambição desse programa complementar era infra-estruturar a zona com 400 lugares de estacionamento. O silo dispunha também de uma cafeteria com vista sobre o Tejo e Belém. Apesar de ser previsível a possibilidade de um contrato de concessão-construção-exploração, o município obsteu a essa ambição.

O projecto, na senda da arquitectura paulista em que se inscreve Paulo Mendes da Rocha, foi concebido para ser em betão à vista. A sugestão de substituir o betão por uma estrutura metálica partiu do engenheiro. Tendo em conta o curto prazo previsto para a construção, as características dos aterros onde assentam as fundações, o risco de actividade sísmica e a necessidade de integrar sistemas de controlo ambiental complexos, um sistema construtivo leve fazia mais sentido. Foi pensada uma "estrutura metálica monolítica, agarrada no centro e deslizante nos apoios periféricos, com paredes ligeiras em painéis de gesso cartonado". A solução permitiu, segundo Rui Furtado, "não ter de haver submissão de qualquer especialidade – todas as necessidades funcionais e mecânicas do edifício foram colhidas com simplicidade pela sua ideia original – simplesmente já estava tudo pensado!". Seguiu-se uma obra rápida e eficaz, sem conflitos de coordenação e sem surpresas. A única surpresa é que, quase pronta, a obra teima em não se concluir.

O que está entre "tapumes"

O novo Museu dos Coches é composto por dois volumes (o "pavilhão" e o "anexo") ligados por uma ponte (o "cockpit da segurança"). Os volumes estão pousados numa praça de uso informal, extensão do passeio público onde se organiza o complexo. A praça é uma superfície contínua em cubo de granito que avança por debaixo dos volumes, e por entre a cidade, formando um vazio que se torna o epicentro do projecto.

A disposição em pórtico dos edifícios e a sua relação com um muro, que acomoda o tecido urbano e redesenha os limites da antiga praia de Belém, cria um "efeito de concha" que projecta para dentro deste vazio o "centro" do museu. Bak Gordon diz-nos que "o verdadeiro projecto é o trabalho do espaço público; é o desenho das rampas, das escadas, das aberturas, as transparências, as relações directas e visuais que se estabelecem entre os vários elementos do Museu". O verdadeiro projecto não é o edifício do museu, mas o facto de este, através do "anexo", coser a malha da **cidade e destacar o "pavilhão" como um grande tesouro (um paralelepípedo de 132 m por 48 m por 12 m, elevado do chão por 14 pilares circulares).**

As bilheteiras e sanitários estão ao nível da rua, integrados no único elemento opaco por debaixo do pavilhão, onde também ficam as reservas, os serviços e a oficina de restauro. Esta sala apresenta grandes rasgos horizontais, paralelos à Avenida da Índia, que expõem publicamente os trabalhos de restauro executados no museu. Na frente poente está a "cafeteria popular", transparente, com um balcão de 30 metros que recebe e oferece uma vista ampla para os jardins de Belém, em relação com as vias de circulação rápida e com a passagem pedonal. Virar a cafeteria para Belém é ligar o espaço do museu aos jardins, ao Centro Cultural de Belém (CCB), aos Jerónimos e oferecer outras possibilidades para a praça interior. Bak Gordon complementa: "Não desenhamos a cafeteria para dentro porque se acredita que algumas das casinhas que estão viradas para o centro da praça se vão converter em cafés, pequenas casas de petiscos, etc." Do lado oposto à cafeteria, também debaixo do "pavilhão", está o núcleo de elevadores (dois, para 75 pessoas cada), o bengaleiro e a loja, que formam um espaço amplo, totalmente envidraçado e permeável em relação à praça. Paulo Mendes da Rocha explica que "o museu não tem porta e relaciona-se para todos os lados".

O auditório está ao nível da praça mas sob o "tecto" do "anexo" – uma estrutura porticada em betão pré-esforçado que apoia, ao nível do primeiro piso, dois corpos em aço e vidro com a direcção e o restaurante. O auditório é um volume em betão, pintado numa cor rosa semelhante à dos edifícios apalaçados de Lisboa, que, segundo o arquitecto, permite "mostrar que os coches e os meios de transporte do passado são aspectos da vida da cidade". Em contraponto com outros palácios cor-de-rosa

ou com as salas de espectáculo do CCB, no outro lado do "logradouro histórico" de Belém, o auditório é concebido como uma "bancada popular," em betão e bancos de jardim contínuos, com amplas portas de correr para permitir desfilar sobre o mesmo pavimento coches a cavalo, carros desportivos, ou qualquer outro acontecimento.

O que salta à vista é a musculatura dos edifícios. O modo como a estrutura é assumida resulta de uma lógica "pedagógica", mais que estética ou meramente formal. Reflete uma ideologia, a de Paulo Mendes da Rocha, na procura de uma expressão verdadeira das coisas. A materialidade da obra não esconde o esforço e o trabalho implicados na sua execução, a pele não oculta a forma que a constrói. A força do betão dá expressão à tradição "brutalista" da arquitectura paulista, um universo de contrastes e oposições onde os diferentes elementos se enaltecem ou, nas palavras do arquitecto, "umas coisas protegem as outras". É difícil imaginar um espaço que melhor servisse a exposição da exuberante colecção de Coches Reais. E, actualizando o sentido da palavra, pode dizer-se que o impacto que se tem ao entrar nesse espaço é "brutal".

A nave expositiva é desprovida de qualquer decoração e caracteriza-se por duas grandes salas (125 m x 17,25 m cada), com um amplo pé-direito (8,28 m), pavimento contínuo em betão afagado e paredes brancas pontualmente interrompidas por vãos (rasgos horizontais nos topos e duas grandes aberturas no eixo transversal) ou vitrinas (cujas formas derivam da configuração das treliças metálicas estruturais). O tecto suspenso em gradil metálico branco recobre as infra-estruturas do edifício. Entre as duas salas existe uma terceira nave, que alberga serviços e circulações, de atravessamento, de serviço e de emergência, os dois elevadores públicos e o monta-coches. O piso expositivo está articulado para permitir "um quarto de visita", "meia visita" ou "visita completa". Estas visitas podem variar entre 15 minutos ou duas horas e meia, garantindo possibilidade de consolidar um programa museológico criativo.

Para uma visita especial, o museu oferece um percurso que começa na subida das escadas que forma o corpo saliente a meio da fachada sul, atravessa as galerias sobre as coberturas dos coches, até ao corpo anexo. O circuito pode funcionar independente da actividade regular do museu e liga à direcção do museu. A "caixa da direcção", no "anexo", é envidraçada para o lado da praça. A "caixa do restaurante", no mesmo corpo, é envidraçada para Belém. Entre as duas existe um vazio coberto por um grande tecto em lanternim, que ilumina o espelho de água na cobertura do auditório. Partindo da Rua da Junqueira, as rampas da galeria pedonal atravessam este espaço. As varandas exteriores que ligam os dois corpos oferecem espaços de contemplação, ou de intriga, entre o dentro e o fora do museu. E somos de novo transportados para a praça, em torno da qual tudo gravita.

O museu sem coches

O edifício está quase pronto e aguarda apenas uso. Mais que um museu, o projecto funciona como uma infra-estrutura urbana, que oferece 'espaço público' à cidade. O complexo foi pensado para dar um novo sentido a Belém, fazendo companhia aos Jerónimos no sentido de modernidade e no potencial futuro que representa. Para além da competência funcional dos espaços, das formas e dos percursos, o novo Museu dos Coches oferece a Belém outra carga simbólica quanto ao uso e destino colectivo da cidade. Paulo Mendes da Rocha diz que o projecto "é a memória da cidade na sua instabilidade histórica". A obra coloca a cidade informal ao lado da cidade monumental, encenando diferentes tempos e poderes, diferentes ideologias e acções políticas. É um manifesto da pólis. E o estado de indefinição em que se encontra, uma representação cruel de uma encruzilhada política.

Num desabafo, Paulo Mendes da Rocha diz que "está mais difícil tirar os tapumes do que iniciar a obra". Até agora foram gastos cerca de 30 milhões de euros, falta apenas concluir a galeria pedonal que liga à Avenida da Índia e avançar com o projecto expositivo. Este, desenvolvido pelo arquitecto Nuno Sampaio, já foi amplamente debatido com a direcção do museu. A expectativa é tirar o máximo partido da colecção, integrando uma parte que agora está em Vila Viçosa. E não bloquear o progresso deste museu enquanto "máquina de cultura" com a maior receita de bilheteira no país. As novas instalações vão aumentar esse número, incluindo ainda oficinas de restauro com qualidades únicas e capazes de estabelecer protocolos com uma indústria do restauro que se tem vindo a desenvolver em Portugal. O novo edifício tem condições de excelência para o restauro de vários materiais, como talha dourada, couros, metais, pintura, tecidos, etc. E ainda condições privilegiadas para potenciar o turismo: um espaço público que se articula com o comércio local e lojas afectas ao museu, um auditório com óptima relação com a nova praça, e outras tantas coisas que o magnetismo barroco dos coches pode potenciar. Na sua clareza, a obra de Paulo Mendes da Rocha tem verdadeiro valor público e cria condições para o desenrolar das mais diversas iniciativas. Compete ao Estado, que lançou o processo, demonstrar que está ao nível do desempenho desta arquitectura. E tomar as decisões necessárias para avançar com a economia do turismo, e da cidade, em Belém. No impasse presente, fica de Paulo Mendes da Rocha: "Talvez Portugal tenha medo da aventura que ele próprio desencadeou."

<http://www.jornalarquitectos.pt/a-ar...e-ser-publica/>

Last edited by luisribeiro; Today at 03:58 PM.